



DESAFIOS ... QUAIS?

Em uma conversa tida, faz algum tempo, foi-me colocada uma questão simples mas que tem questões interessantes a colocar aos que hoje tem o desafio de gerir uma Escola de Artes Marciais. Primeiro é esclarecer que há uma crise no número de alunos na maioria das Escolas porque as Artes Marciais perderam muito do seu brilho para algumas actividades paralelas que se assumem como Artes Marciais mas que, na generalidade das vezes, são logros que mais não visam que a produção de fontes de financiamento, para alguns, junto de uma população desinformada e inculta sobre o que são as Artes Marciais, e que vivem obcecadas com ideais físicos e operativos transmitidos por alguma televisão e filmes e que mais não passam que disparates irrealis, transmitidos como sendo verdades ou ideais a seguir.

Depois de ser aceite que há uma crise devemos pensar no que fazer para sobreviver à mesma. Falarei por mim como é óbvio pois não posso nem quero falar sobre o que os outros podem ou devem fazer. Como alguém que teve a oportunidade de lidar com múltiplas missões, nacionais e internacionais, onde os economistas eram a principal “arma” estou habituado às ferramentas e metodologias que permitem gerir e elaborar cenários financeiros para controlo de execução das soluções necessárias a um projecto. Quando me colocaram as questões do número de alunos necessários à manutenção da Escola fiquei obviamente a entender que quem me abordava não entendia a verdadeira questão – O que é uma Escola de Artes Marciais, para o que serve e o que a deve sustentar.

A incompreensão dos verdadeiros valores das Artes Marciais começa com a sobrevalorização de programas técnicos, rituais de etiqueta (Reigi) e de todos os aspectos que se centram na forma e no exterior desvirtuando a essência destas práticas. Faz-me lembrar um pouco aquelas situações estranhas de ter monarcas que deviam reinar e mais não são que figuras decorativas e folclóricas, uma realeza irreal e que não assenta naquilo que lhe dá sentido, governar os outros através do sacrifício de si, sendo que a sua realeza devia ser uma postura de vida. Legitimar algo pela pura razão do nascimento faz-me lembrar que muitas coroas eram depostas porque não governavam e linhagens desapareciam depostas. Depois uma nobreza que o devia ser de carácter mas que ficou pela forma. Num mundo onde reina a quantidade, e não a qualidade, a ilusão é que a quantidade irá garantir a gestão de algo que só prevalece na realidade pela qualidade, pois isso é que a torna real e não uma fantasia, é um erro normal. Tudo o que for colocado de lado para garantir “a viabilidade” não é mais que mercantilismo tão comum hoje no mundo das Artes Marciais onde se confunde conteúdo com forma.

A manutenção e a continuidade de uma ideia faz-se não pela opção de escolher entre ser rigoroso ou não, pois isso não é uma escolha. Escolher só se escolhe entre duas opções positivas, senão estamos a falar de falsas escolhas, embora hoje o relativismo queira dizer que “tudo é possível”. Recordo aqui o harakiri, e a visão falsa, que o confunde o ritual seppuku. Enquanto o primeiro era um simples momento de suicídio o segundo era uma demonstração de arrependimento, recuperação da honra ou de desaprovação por um acto de um superior cometia, e que pretendia somente exhibir as entranhas (hara) para ser o seu conteúdo, o seu intimo, local onde residiria a alma do samurai. Não seria neste



segundo caso um suicídio. Não era uma escolha entre a vida e a morte ... era uma afirmação radical de vida, que iria levar à morte mas que a não a tinha por objectivo. Não há subtileza num elefante em fuga numa loja de cristais ... não confundamos as coisas.

O mundo tem sido daqueles que através de ideias e ideais os impõem não pela quantidade mas pela firmeza das suas decisões e porque sabem efectivamente lidar com a realidade. Saibamos enfrentar esse desafio.

Lisboa, 8 de Dezembro de 2013